

ASTRID LINDGREN

# PíPPI MEIALONGA



Ilustrações  
INGRID NYMAN

Tradução  
MARIA MACEDO

2ª edição



Copyright do texto © 1946 by Astrid Lindgren/ Saltkråkan AB  
Copyright das ilustrações © 1948 by Ingrid Vang Nyman/ Saltkråkan AB

Publicado originalmente em 1981 pela Rabén & Sjögren, Suécia.  
Para mais informações sobre Astrid Lindgren: [www.astridlindgren.com](http://www.astridlindgren.com)  
Todos os direitos estrangeiros representados por Saltkråkan AB, Lidingö,  
Suécia, representada no Brasil pela Vikings of Brazil Agência Literária e  
de Tradução, Ltda. Para mais informações, escrever para [info@saltkrakan.se](mailto:info@saltkrakan.se)  
A tradução desta obra foi apoiada pelo Swedish Arts Council.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*PIPI LÄNGSTRUMP*

Revisão  
ARLETE SOUSA e VIVIANE T. MENDES

Composição  
YUMI SANESHIGUE

Tratamento de imagem  
AMÉRICO FREIRIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Lindgren, Astrid. 1907-2002.  
Pippi Meialonga/ Astrid Lindgren ; ilustrações de  
Ingrid Vang Nyman ; traduzido do sueco por Maria  
Macedo. — 2<sup>a</sup> ed. — São Paulo: Companhia das  
Letrinhas, 2016.

Título original: Pippi Långstrump  
ISBN 978-85-7406-744-5

1. Literatura infantojuvenil I. Nyman, Ingrid Vang.  
II. Título.

---

03-2384

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil: 028.5
2. Literatura infantojuvenil: 028.5

2016

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORASCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletrinhas.com.br](http://www.companhiadasletrinhas.com.br)  
[www.blogdaletrinhas.com.br](http://www.blogdaletrinhas.com.br)

# **SUMÁRIO**

<b>1</b>	Píppi vai morar na Vila Vilekula.....	7
<b>2</b>	Píppi é encontradora de coisas e se mete numa briga .....	25
<b>3</b>	Píppi brinca de pega-pega com a polícia .....	45
<b>4</b>	Píppi vai à escola .....	59
<b>5</b>	Píppi fica sentada no portão, depois escala uma árvore.....	77
<b>6</b>	Píppi organiza um piquenique .....	95
<b>7</b>	Píppi vai ao circo .....	113
<b>8</b>	Píppi recebe a visita de dois ladrões.....	133
<b>9</b>	Píppi vai a um chá .....	149
<b>10</b>	Píppi dá uma de salva-vidas .....	169
<b>11</b>	Píppi faz aniversário .....	185
	<i>Sobre a autora .....</i>	206
	<i>Sobre a ilustradora .....</i>	207

1

# PíPPI

**VAI MORAR NA  
VILA VILEKULA**

.....



## AQUELA ERA UMA CIDADE MUITO

pequena, pequena *mesmo*. Na beirinha da cidade havia um velho jardim abandonado. No jardim havia uma casa velha, e na casa morava Píppi Meialonga. Píppi tinha nove anos e morava completamente sozinha. A menina não tinha pai nem mãe, e no fim das contas até que isso era bom, porque ninguém vinha dizer a ela que estava na hora de ir para a cama no exato instante em que ela estava se divertindo mais, e ninguém a mandava tomar óleo de fígado de bacalhau quando ela estava com vontade de chupar uma bala.

Muito tempo antes, Píppi tivera um pai de quem gostava muitíssimo e, antes ainda, lógico que também havia tido uma mãe. Só que já fazia tanto tempo que ela não tinha mais mãe que quase nem conseguia mais se lembrar dela. A mãe de Píppi tinha

morrido quando ela ainda era bebê, um bebezinho deitado no berço e que berrava tão alto que ninguém aguentava ficar por perto. Píppi tinha certeza de que a mãe agora estava no céu, espiando por um buraqueirinho para poder ver a filha aqui embaixo. Por isso de vez em quando Píppi acenava para a mãe, lá em cima, e dizia:

— Não se preocupe! Eu sempre dou um jeito!

Do pai, Píppi se lembrava bem. Ele era capitão de navio e navegava no grande mar, e Píppi navegou junto no navio até o dia em que houve uma grande tempestade e ele caiu no mar e desapareceu. Mas Píppi tinha absoluta certeza de que um dia o pai ia voltar. Não acreditava nem um pouco que ele tivesse se afogado. Achava que tinha ido boiando mar afora até chegar a uma ilha cheia de canibais, e que depois tinha virado rei de todos os canibais e que andava pela ilha o dia inteiro com uma coroa de ouro na cabeça.

— Meu pai é rei dos canibais. Não é qualquer criança que tem um pai como o meu! — costumava dizer Píppi, muito orgulhosa. — E assim que meu pai conseguir construir um navio novo, vem me buscar e eu vou virar princesa dos canibais. Vai ser o máximo!

Fazia muitos anos que o pai de Píppi tinha com-

prado aquela casa velha do jardim. A ideia dele era morar na casa com a filha quando ficasse velho e não pudesse mais navegar mar afora, mas aconteceu de ele cair no mar, e Píppi resolveu ir morar na Vila Vilekula enquanto esperava por sua volta. Vila Vilekula era o nome da casa. Estava lá, completamente mobiliada, prontinha, esperando por ela.

Numa bela tarde de verão, a menina se despediu dos marinheiros do navio do pai. Todos eles adoravam Píppi, e Píppi adorava todos eles.

— Adeus, rapazes! — disse Píppi, e beijou a testa deles, um por um. — Não se preocupem comigo! Eu sempre dou um jeito.

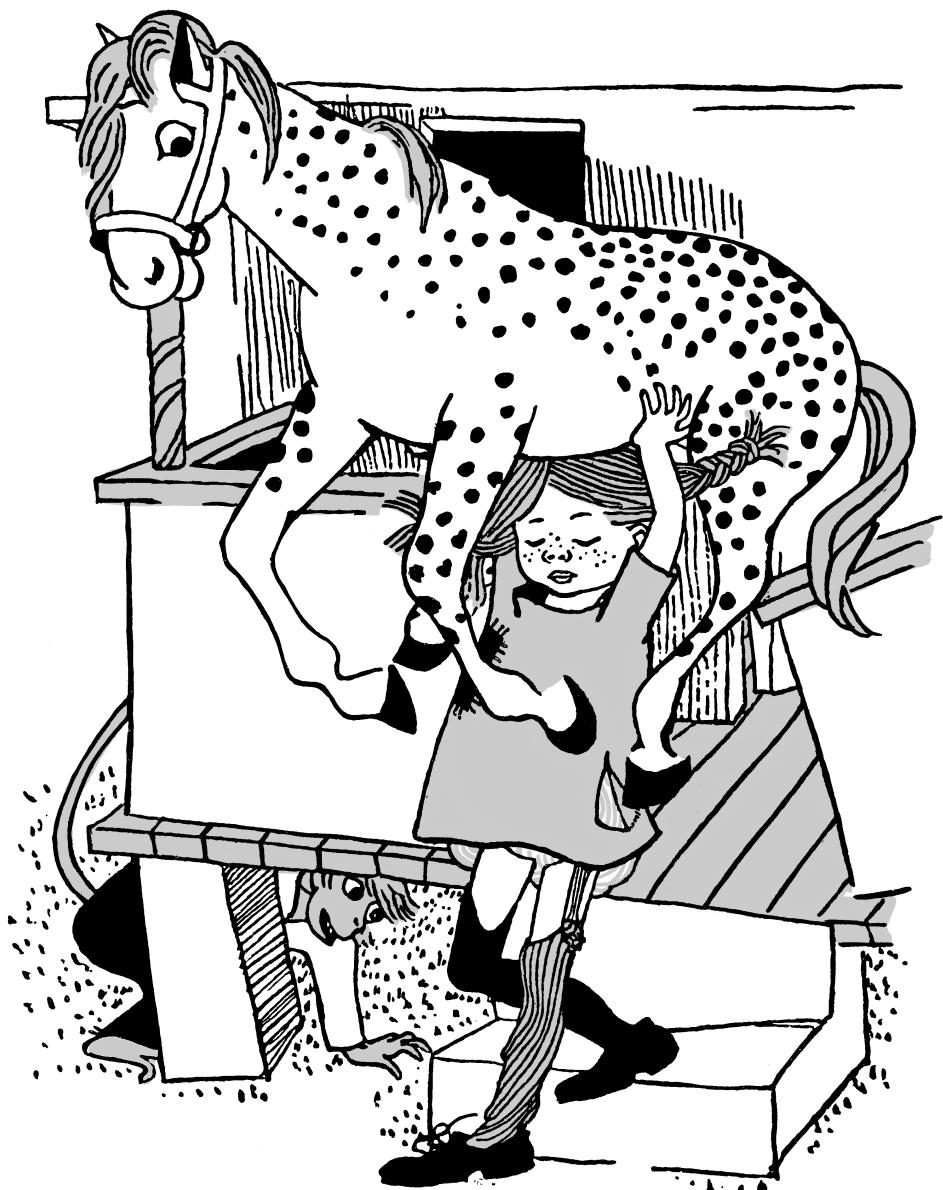
Píppi saiu do navio levando duas coisas. Um maçoquinho chamado sr. Nilson — presente do pai — e uma enorme mala cheia de moedas de ouro. Os marinheiros, enfileirados no convés do navio, olharam para Píppi até ela desaparecer na distância. E a menina foi em frente, sem olhar para trás, com o sr. Nilson empoleirado no ombro e a mala na mão.

— Que criança fantástica — disse um dos marinheiros, secando uma lágrima, ao ver Píppi sumir ao longe.

Ele tinha razão. Píppi era uma criança realmente fantástica. E o que Píppi tinha de mais fantástico era o

fato de ser muito forte. Era tão incrivelmente forte que não se encontrava em todo o vasto mundo um só policial tão forte quanto ela. Píppi conseguia carregar um cavalo, se quisesse. E queria! Aliás, possuía um cavalo comprado com uma das suas muitas moedas de ouro no dia da mudança para a Vila Vilekula. É que a menina sempre tinha tido vontade de ter um cavalo... E agora o cavalo morava na varanda da Vila Vilekula. Quando Píppi resolia tomar café na varanda, simplesmente pegava o cavalo no colo e carregava para o jardim.

Bem ao lado da Vila Vilekula havia outro jardim com outra casa. Ali moravam um pai, uma mãe e seus dois adoráveis filhinhos: um menino e uma menina. O menino se chamava Tom, e a menina, Aninha. Eram duas crianças muito simpáticas, obedientes e comportadas. Tom nunca roía as unhas, seu cabelo estava sempre penteadinho e ele quase sempre fazia exatamente o que a mãe lhe dizia para fazer. Aninha não armava gritaria quando não faziam as suas vontades e estava sempre bem arrumada em lindos vestidinhos de algodão muito bem passados. Ela nunca fazia coisas que pudesse sujar seus vestidos. Tom e Aninha costumavam brincar um com o outro no gramado da casa deles, mas muitas vezes tinham ficado com vontade de encontrar um amiguinho. Na época



em que Píppi rodava o mundo navegando com o pai, de vez em quando os dois se penduravam na cerca que separava as duas casas e diziam:

— Que pena que ninguém se muda para essa casa! Seria tão bom se alguém viesse morar aí, alguém que tivesse filhos...

Naquela linda tarde de verão em que Píppi entrou pela primeira vez em seus domínios da Vila Vilekula, Tom e Aninha não estavam em casa. Os dois tinham ido passar uma semana com a avó. Por isso, quando voltaram, não faziam a menor ideia de que houvesse alguém morando na casa ao lado, e quando, no primeiro dia depois de voltarem, os dois foram para junto do portão e ficaram olhando a rua, nem passou pela cabeça deles que agora pudessem ter uma amiguinha morando tão perto de casa. Exatamente naquele momento em que os dois tentavam inventar alguma coisa para fazer, procurando adivinhar se por acaso ia acontecer alguma coisa emocionante ou se aquele ia ser um dia chato, em que não conseguiam inventar nada para brincar, bem nessa hora o portão da Vila Vilekula se abriu e uma meninazinha saiu para a calçada. Era a menina mais fantástica que Tom e Aninha já tinham visto: era Píppi Meialonga saindo para seu passeio matinal.

A menina que eles viram era assim: tinha cabelo cor de cenoura e usava duas tranças bem apertadas, que ficavam espichadas para os lados. Seu nariz parecia uma batatinha bem pequena, e era todo pintado de sardas. Debaixo de seu nariz havia uma boca realmente bem larga, com dentes brancos e fortes. A roupa que ela estava usando era muito engraçada. A própria Píppi é que tinha feito. No começo, ela pretendia fazer um vestido azul, só que o pano azul era muito pequeno, não dava para fazer o vestido, por isso Píppi tinha costurado pequenos quadrados vermelhos em vários lugares. Suas pernas compridas e magricelas estavam cobertas por um par de meias compridas, uma marrom, outra preta. Além disso, ela estava usando uns sapatos pretos com exatamente o dobro do tamanho de seus pés. O pai de Píppi tinha comprado aqueles sapatos para ela na América do Sul, para que a filha não precisasse se preocupar com a questão quando crescesse, e eram os únicos sapatos que a menina gostava de usar.

Mas o que fez Tom e Aninha arregalarem os olhos para valer foi o macaco sentado no ombro da menina desconhecida. O macaque vestia calça azul, paleto amarelo e chapéu branco, de palha.

Píppi se afastou. Andava com um pé na calçada e outro na rua. Tom e Aninha ficaram olhando para ela